BRINCAR E APRENDER: O JOGO COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Play And Learn: Game As A Learning Tool In Non-Formal Education

RODRIGUES, Márcia Virgínia de Paula
Faculdade IESCAMP/Campinas

BOSCOLO, Sonia Jeanne Antonioli
Faculdade IESCAMP/Campinas

CORREA, Maria Dorothea Chagas
UNESP/Araraquara

RESUMO: Devido a importância das atividades lúdicas, cresceu o interesse das pesquisadoras, a partir de um olhar psicopedagógico, em pesquisar esse tema no campo da educação não formal, espaço rico em possibilidades de atuação, com o intuito de auxiliar o desenvolvimento das funções executivas nas crianças que apresentam dificuldades cognitivas. Questionou-se se os jogos e brincadeiras seriam um recurso apropriado para minimizar as dificuldades de aprendizado. O estudo pretende compreender como o lúdico pode interferir e potencializar o processo de ensino e aprendizagem como forma de intervenção psicopedagógica em grupo, com a finalidade de exercitar as habilidades da criança, a autoestima, sua imaginação e integração social, assim como, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. Realizado em uma Organização da Sociedade Civil (OSC), contou com a participação de oito crianças com dificuldades de aprendizagem. Desenvolveu-se com o grupo, atividades lúdicas, divididas em quatro categorias: jogos de interação, jogos individuais, brinquedos e brincadeiras e atividades recreativas de atenção e concentração. O resultado apresentou a importância das intervenções do educador por meio do lúdico, ainda que sendo uma tarefa complexa, que demanda tempo e empenho, ela contribui para a otimização das funções executivas da criança.

Palavras-chave: Aprendizagem; Jogos; Educação Não Formal

Abstract: Due to the importance of playful activities, the interest of the researchers grew, from a psychopedagogical perspective, in researching this topic in the field of non-formal education, a space rich in possibilities of action, in order to assist the development of executive functions in children who have cognitive difficulties. It was questioned whether games and play would be an appropriate resource to minimize learning difficulties. The study aims to understand how playfulness can interfere and enhance the teaching and learning process as a form of group psychopedagogical intervention, with the purpose of exercising the child's skills, self-esteem, imagination and social integration, as well as the development of language, thinking and concentration. Held in a Civil Society Organization (CSO), eight children with learning difficulties participated. With the group, recreational activities were developed, divided into four categories: interaction games, individual games, toys and games and recreational activities of attention and concentration. The result showed the importance of educator interventions through play, even though it is a complex

task, which requires time and commitment, it contributes to the optimization of the child's executive functions.

Key Words: Learning; Games and Play; No Formal Education

INTRODUÇÃO

Esse artigo defende a ideia de que a utilização de jogos e atividades lúdicas, na educação não formal, pode ser um recurso facilitador do desenvolvimento das funções executivas das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

A escolha por esse tema teve origem na vivência do trabalho social realizado em uma Organização da Sociedade Civil (OSC) na cidade de Campinas-SP, com um grupo de crianças de 6 e 7 anos de idade, que frequentam os primeiros anos do ensino fundamental formal, no qual foram percebidas dificuldades básicas de aprendizagem, em algumas delas.

As dificuldades observadas causaram inquietações e uma grande preocupação em realizar um trabalho social mais organizado e embasado teoricamente, para auxiliar as crianças no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Nas séries iniciais do ensino formal, as crianças têm que cumprir tarefas mais específicas do que na educação infantil e são exigidas várias competências. Buscou-se, então, apresentar uma pesquisa onde o lúdico possa ser o ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades.

Rodrigues, (2018, p.91) diz que *atividades lúdicas, tais como jogos e brincadeiras, colaboram para o desenvolvimento da linguagem, da compreensão de regras, percepção dos próprios limites, suas habilidades, a exploração dos elementos e espaços à sua volta e favorecem a convivência social.*

O campo da educação não formal é um espaço rico de possibilidades de atuações diferenciadas e significativas, então, procurou-se abandonar o modelo do professor tradicional e a revisão de conteúdos acadêmicos, fato frequentemente constatado em OSC. (Garcia 2015, p.98-99), fundamentando-se em diversos autores pesquisados em seus estudos, exemplifica, entre tantas, algumas características inerentes à educação não formal:

> *a flexibilidade de tempo e conteúdo, ter envolvimento com a comunidade, não estar ligada ao sistema legislativo escolar, possibilitar participação voluntária, ter a expectativa de possibilitar transformações e promover a socialização e a solidariedade e ainda poder oportunizar uma relação prazerosa com o processo de ensino e aprendizagem.* GARCIA (2015, P.98-99)

Ao identificar as dificuldades básicas das crianças, definir o caminho a ser feito para amenizá-las. Para isso acontecer foram levantados alguns questionamentos: O lúdico é um forte motivo para estimular o processo de ensino-aprendizagem? Existem condições para desenvolver dentro da instituição, um trabalho que não seja meramente assistencialista e recreativo, objetivando contribuir para o desenvolvimento da criança como um todo?

As pesquisas escolhidas foram bibliográfica e empírica.

Na pesquisa bibliográfica, foram buscados autores que falam a respeito da educação não formal e da atuação do psicopedagogo. Também foram pesquisadas literaturas sobre a importância da ludicidade e do desenvolvimento das funções executivas, priorizando os jogos como ferramenta para alcançar melhores resultados com as crianças envolvidas.

A pesquisa empírica foi realizada em uma OSC[1] do município de Campinas, onde foram divididas as habilidades, o interesse e a interação da criança com o jogo e com seus pares.

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma intervenção psicopedagógica, utilizando o lúdico, com um grupo de oito crianças de 6 / 7 anos de idade, no início da alfabetização, baixo nível sócio econômico, moradoras de um bairro simples da periferia. Dessas crianças, cinco tinham défcit de atenção e concentração como queixa da professora. Uma criança diagnosticada e com laudo de DI – Deficiência intelectual. Outra criança com TDAH – Transtorno do Défcit de Atenção com Hiperatividade, sem laudo. E outra com difícil de aceitação de comandos, regras de convivência, mas sem laudo de TOD – Transtorno Opositivo Desafiador. Esses dados foram observados cuidadosamente no decorrer do trabalho social realizado na instituição.

Foi verificado junto aos responsáveis pela escola regular de ensino, onde essas crianças estão inseridas, se as mesmas dificuldades também aparecem

[1] Em 2016 ONG passou a ter a denominação OSC Organização da Sociedade Civil – Lei Federal 13018/14

no ambiente escolar.

Compreendendo que as exigências educativas nos variados níveis de escolaridade são diferentes, a intervenção com essa faixa etária de acordo com Sánchez (2004), deveria ser de modo a:

Nos primeiros anos, nas séries iniciais, [...] *de potencializar e estimular o desenvolvimento dos conceitos e das operações matemáticas, mas como parte da atividade da criança em seu ambiente natural e como parte das atividades lúdicas e globais do desenvolvimento e dos processos educativos desta etapa. (GARCIA 2004, p.177)*

A intervenção psicopedagógica por intermédio do brinquedo é para Garcia 2004 p.178 *um meio onde as crianças aprendem e se divertem ao mesmo tempo. As possibilidades que o brinquedo oferece são enormes, e muitos tipos de jogos podem ser utilizados.*

Houve autonomia e liberdade para as pesquisadoras elaborarem diversas atividades lúdicas dentro do espaço da OSC e através delas, houve a intenção de potencializar o desenvolvimento cognitivo, desenvolvendo não somente o autoconhecimento, mas a concentração, buscando afetar positivamente, tornando-os atuantes e produtivos.

A pesquisa teve por objetivo, aprofundar o conhecimento sobre a importância do lúdico na aprendizagem dentro do espaço da educação não formal, facilitar a construção do conhecimento da criança, estimular a imaginação infantil, auxiliar no processo de integração social e proporcionar o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Na organização desse artigo pretendeu-se propor reflexões acerca da relevância do espaço de educação não formal, da importância do trabalho do psicopedagogo como mediador do processo de ensino aprendizagem, da influência das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança e da necessidade de estimular as funções executivas que nos permitem interagir com o mundo de forma mais funcional e adaptativa.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Tendo como base que a educação, enquanto forma de ensino aprendizagem, se dá em diferentes lugares e de diversos modos, a educação não formal também abrange esse processo, com característica de uma prática

educativa, lúdica, cultural, política e social.

Paulo Freire (1996) disse:

> *O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar [...] Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas de contorno não discirna; [...] Isto é verdade se, se refere às forças sociais[...] A realidade não pode ser modificada enão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer."*

O termo educação não-formal apareceu no final da década de sessenta. Nesse período surgem discussões pedagógicas, vários estudos sobre a crise na educação, as críticas radicais à instituição escolar e a formulação de novos conceitos e seus paradigmas. Assim *essa crise é sentida na escola e acaba por favorecer o surgimento do campo teórico da educação não-formal (TRILLA,1996).*

Na Educação não formal os modelos de aprendizagem não se confundem com a educação formal, que é oficial e deve cumprir exigências legais, mas dela se aproximam pela intenção óbvia de educar.

Para entender o espaço da educação não formal como local de possibilidade de atuação diferenciada e significativa, é preciso compreender o processo educacional de uma forma diversa, onde se permitem ações que não têm espaço dentro da educação formal.

É um ambiente que possibilita transformações, a partir do reconhecimento dos desejos dos envolvidos por um lado, e do outro, das ações escolhidas cuidadosamente pelos educadores.

Gadotti, (2003 p.25) diz: *Há consenso quando se afirma que a profissão de educador deve abandonar a concepção predominante no Século XIX de mera transmissão do saber escolar. O professor não pode ser um mero executor do currículo oficial.*

A sociedade atribui demasiado valor à educação formal e sistemática, que qualifica para o mundo do trabalho e para as relações sociais, em detrimento dos outros processos educacionais menos valorizados, tais como a educação não formal e a informal.

A educação não formal pode adaptar-se em contextos diferentes: as

crianças e jovens das classes financeiramente favoráveis, possuem nessas atividades educativas não formais, uma alternativa a mais, que se transforma em um diferencial na sua formação; e no tocante às crianças e aos jovens das classes menos favorecidas financeiramente, esse campo é considerado como aquele que propicia o que lhes falta, aquilo que não tiveram oportunidade de receber em sua formação, seja escolar ou familiar, uma educação compensatória e complementar. Para *(GARCIA, 2015, p.127), é uma educação que amplia, que aumenta; em outra, no máximo iguala, ou tenta igualar.*

A educação não formal é desenvolvida por entidades que se preocupam com o bem-estar social. Estes espaços não formais apresentam inúmeras atividades no período contraturno do estudo da criança ou do adolescente, sendo uma experiência didática, organizada e sistematizada fora do contexto formal da escola.

Em algumas instituições, apesar de ações positivas e motivadoras, ainda está presente o modelo do professor tradicional e as frustrações com o que fazer em relação às possíveis deficiências das crianças e jovens que não assimilam os conhecimentos escolares, como saber ler e realizar as operações matemáticas básicas.

Gadotti (2007, p.42) enfoca a constante preocupação do educador Paulo Freire voltado para a formação do professor e destaca:

> *o professor precisa saber muitas coisas para ensinar, mas o mais importante não é o que é preciso saber, mas como devemos ser para ensinar. O essencial é não matar a criança que existe ainda dentro de nós. Matá-la seria matar o aluno que esta à nossa frente*. (GADOTTI. 2007, p.42)

As atividades desenvolvidas dentro das OSCs, tais como capoeira, futebol, judô, passeios, excursões, música, dança, e teatro tornam-se muito mais envolventes e interessantes do que práticas pautadas nos padrões da educação formal.

Focando em um grupo específico de crianças dentro desse campo educacional não formal, e procurando a libertação do modelo enraizado do professor tradicional, procurou-se um novo jeito de fazer. A intervenção psicopedagógica dentro da educação não formal, estabelece um grande campo de atuação para o profissional da área, capaz de oportunizar efeitos bastante positivos para a redução das dificuldades que surgem na vida da criança.

A PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia tem por foco estudar e compreender a aprendizagem humana, seus mecanismos, distúrbios, transtornos e patologias. Sua fundamentação está alicerçada na medicina, psicologia, fonoaudiologia, tornando-se assim, uma área multidisciplinar e um campo de possibilidades para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

Bossa,(2011 p.25) esclarece que: *reconhecer tal caráter significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando conhecimentos em outros campos, cria seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade.*

Ao final da década de 1970 a psicopedagogia chega ao Brasil, com colaboração de profissionais argentinos como o psicólogo social Jorge Visca, considerado o pai da psicopedagogia, Sara Pain, Jacob Feldmann e Ana Maria Muniz.

Tendo em vista o alto índice de fracasso escolar no país, o campo da psicopedagogia tanto clínico quanto institucional vem crescendo nos últimos tempos, contudo por não fazer parte da realidade das escolas públicas, a presença do psicopedagogo ainda se apresenta de uma forma muito tímida e insatisfatória, mesmo tendo papel fundamental na aprendizagem.

Fernandèz, (1991 p. 47) diz *que para aprender necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos.*

Houssaye (1996 apud LIBÂNEO, 2000, p.28) afirma *O psicopedagogo não pode ser nem um puro e simples prático, nem um puro e simples teórico. Ele está entre os dois. A ligação deve ser ao mesmo tempo permanente e irredutível, por que não pode existir um fosso entre a teoria e a prática. Somente será considerado pedagogo aquele que fará surgir um "mais" na e pela articulação teoria prática na educação [...].*

Para o planejamento de um projeto pedagógico, deve haver um olhar cuidadoso, para que o trabalho do professor se aproxime bastante da realidade dos alunos, despertando o interesse e trazendo-os para o contexto escolar, respeitando suas especificidades.

Para Oliveira (2007, p. 145-146) *na perspectiva da pedagogia da presença[2], um papel fundamental do educador é catalisar experiências baseadas na solidariedade grupal e no respeito pelo coletivo, o que implica privilegiar uma ética do coletivo, mas que admita a construção de relações significativas representadas no plano individual.*

Oliveira (2007) também diz que *a pedagogia da presença tem como principal objetivo ajudar jovens e adultos a superar problemas pessoais, de modo a reconciliarem-se consigo e com os outros e reconhecerem-se como sujeitos ativos da sociedade, saindo da concepção de mero receptor e ampliar uma concepção de autor da sua própria história. Assim, a educação é capaz de mudar espaços, pessoas e mundos que acreditam em seu potencial*

A Psicopedagogia clínica é um campo relativamente novo, mas de bastante relevância na área da educação. O trabalho do Psicopedagogo é de fundamental importância, pois contribui na busca de soluções para a questão da dificuldade de aprendizagem. Nesse campo de atuação, a proposta é reintegrar o aluno ao processo de desenvolvimento do conhecimento. Prioriza o atendimento na sua especificidade, respeitando as necessidades específicas e particulares.

Fernández, (1991 p.52) diz: *para que haja conhecimento, o processo de aprender é construído pelo sujeito que aprende, em inter-relação social, por meio da intervenção em quatro níveis: organismo, corpo, inteligência e desejo, não se podendo falar de aprendizagem excluindo algum deles. Ainda, segundo a autora, o organismo é a base para aprendizagem. O corpo participa do processo de aprendizagem e tem como função coordenar ações que resultam em acumular experiências. A inteligência é a estrutura lógica que se apropria do objeto conhecendo-o, generalizando-o e incluindo-o em uma classificação*.

Ao realizar trabalho de clínica e de prevenção, o profissional deve ter como base um referencial teórico. Deve detectar perturbações na aprendizagem, participar ativamente do grupo educativo e desempenhar orientação individual e em grupo, fazendo com que a criança encare a escola de hoje, fortalecendo sua personalidade, favorecendo iniciativas pessoais, respeitando interesses e sugerindo atividades.

[2] Metodologia realizada pelos educadores sociais de rua, na qual mostra a importância de reconhecer a realidade vivenciada

É indispensável mencionar que a Psicopedagogia é popularmente conhecida como aquela que assiste às crianças com distúrbios e transtornos de aprendizagem. Contudo cabe destacar que as dificuldades, distúrbios ou patologias podem aparecer em qualquer momento da vida e, portanto, a Psicopedagogia não faz distinção de idade para o atendimento.

Sua área de atuação é bastante versátil, seu campo de possibilidades pode ser em hospitais, empresas, escolas, Organização da Sociedade Civil (OSC), palestras, seminários, orientação profissional, universidades e práticas que favorecem o processo de ensinar e aprender.

A utilização dos jogos torna-se importante, tanto para realizar o levantamento da hipótese diagnóstica em relação às limitações e possibilidades do aprendente, bem como da dificuldade de aprendizagem de crianças com algum transtorno. Portanto, as ações lúdicas são ferramentas essenciais durante as intervenções psicopedagógicas, terapêuticas ou não terapêuticas.

Na intervenção ou avaliação psicopedagógica, ao utilizar jogos, tal qual na educação formal ou não formal, é preciso ter definido o porquê, para quem e quais recursos utilizar.

Esse tipo de atividade lúdica pode ser considerada como uma intervenção de caráter preventivo ou curativo. Nesse caso é preciso distinguir qual é a dificuldade e gerar condições propícias para superação.

Funções executivas e a aprendizagem

O cérebro é considerado uma complexa máquina, que comanda todas as funções da mente humana, chamadas de sistemas cognitivos.

As Funções Executivas (FE) responsáveis por um conjunto de habilidades, necessárias para controlar e regular os pensamentos, as emoções e as ações dos indivíduos, fazem parte desta grande engrenagem. Fundamentadas em estudos, Dias e Seabra,(2013 p.9) afirmam que: *Funções executivas são um conjunto de processos cognitivos e metacognitivos que, juntos, permitem que o indivíduo possa se envolver com sucesso em comportamentos complexos e direcionados a metas.*

Apesar de tão essenciais, nós não nascemos com as habilidades que nos permitem controlar impulsos, fazer planos e manter o foco.

Nascemos, sim, *com o potencial para desenvolver, ou não essas capacidades, dependendo de nossas experiências desde a primeira infância até a adolescência. Fornecer o apoio do qual as crianças precisam para construir essas habilidades em casa, em programas das creches e pré-escolas, e em outros ambientes que elas vivenciam é uma das responsabilidades mais importantes da sociedade. (CYPEL, 2016 pag. 393)*

O Comitê Científico do Estudo III do NCPI[3], 2016 destaca quatro habilidades que estão presentes nas funções executivas: o planejamento, o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva. Essas habilidades são componentes cruciais para o desenvolvimento inicial das capacidades cognitivas e sociais. *Oferecem suporte a muitas atividades que são realizadas diariamente e permitem interagir com o mundo de forma mais funcional e adaptativa. Todas essas habilidades permitem ao indivíduo organizar seu comportamento, incluindo cognição e emoção, em função das exigências do meio, assim como monitorar e regular sua conduta. (DAWSON E GUARE, 2010; MELTZER, 2010a e 2010b. apud DIAS e SEABRA 2013).*

O planejamento ajudará na implementação de propostas de atividade, a pensar antes e estabelecer as etapas necessárias, para se atingir a meta. No campo da Flexibilidade Cognitiva, o sujeito será capaz de mudar de foco e considerar diferentes alternativas, permitindo executar as alterações necessárias, para adaptar-se às novas situações.

O Controle Inibitório trará a habilidade de controlar e filtrar os pensamentos e impulsos para resistir às tentações, distrações, hábito e o pensar antes de tomar determinadas atitudes. Também impede as ações impulsivas.

A Memória de Trabalho, permite manter informações em mente e transformá-la ou integrá-la com outras informações durante curtos períodos. Possibilita memorizar número de telefone o tempo suficiente para discá-lo, voltar à leitura no ponto onde foi interrompida, lembrar se colocou tempero na comida ao mesmo tempo que realizava outra atividade.

O desenvolvimento das funções executivas interferem diretamente no processo de aprendizagem. Na primeira infância, o cérebro possui maior

[3] Núcleo Ciência pela Infância

plasticidade, portanto, maior possibilidade de modificações e adaptações. Os estímulos e experiências vivenciados e habilidades desenvolvidas nessa fase, serão fundamentais para o desenvolvimento de habilidades mais complexas.

Essa fase é rica em possibilidades e o cérebro em desenvolvimento é plástico, capaz de reorganizar padrões e sistemas de conexões sinápticas com a finalidade de readequar a evolução do organismo às novas aptidões intelectuais e comportamentais da criança.

Ao longo da idade, as pessoas não deixam de aprender, mas perdem um pouco da facilidade natural. Com isso, (Facchini, 2001 p.100) esclarece que: *Ao educador, cabe lembrar que a eficácia de uma aprendizagem se relaciona fortemente com a sua continuidade (repetição), aplicação e construção de processos dinâmicos de pensamento (discussão, problematização e argumentação).*

Nos fatores sociais, encontram-se as relações interpessoais, que envolvem a relação aluno/professor que necessita ser harmoniosa e sincrônica, para que a confiança se estabeleça e a aprendizagem ocorra. Além disso, ressalta-se para a importância de considerar os elementos culturais e os dialetos que podem se tornar um verdadeiro obstáculo para a relação.

O fator político, se refere às escolas sucateadas, profissionais com formação acadêmica precária, pacotes educacionais engessados, para um país tão grande e com muitas diversidades.

No âmbito econômico, o aprendizado de crianças de famílias menos favorecidas financeiramente, pode se tornar deficitário, uma vez que precisam conciliar o trabalho com os estudos, para ajudar no sustento de casa e muitas vezes privadas de cultura.

Os fatores orgânicos também tornam a aprendizagem deficitária, com as questões nutricionais, físicas, emocionais, e principalmente, a disfunção neurológica.

Proporcionar meios e oportunidades para prática e para o desenvolvimento das habilidades executivas, podem ser benéficas às crianças.

(Dias e Seabra 2013, p.13) esclarecem que *muitos autores vêm ressaltando a importância de estimular o desenvolvimento precoce das funções executivas, devido às susa correlações com prontidão escolar e sua*

importância para realização acadêmica.

Rodrigues,(2018) nos esclarece que:

> *Os jogos são recursos que há muito tempo vem sendo usados no trabalho pedagógico. Além da ludicidade proporcionada pelo jogo, este ajuda a desenvolver habilidades cognitivas necessárias para o melhoramento das funções executivas que refletem na regulação comportamental e na aprendizagem. É importante ressaltar que para cada fase de desenvolvimento existem jogos e brincadeiras específicas [...]* (RODRIGUES, 2018, p. 81-82)

Com isso, cabe aos profissionais que trabalham com crianças, proporcionar oportunidade de desenvolvimento psicomotor a elas. Em relação ao tema, Rodrigues (2018) afirma que:

> *Para o educador é extremamente importante conhecer o funcionamento do cérebro e suas áreas de funcionamento, sendo conhecedor disso possibilitará um melhor desempenho do seu trabalho com os educandos [...] podendo desta forma, reorganizar sua prática procurando favorecer a aprendizagem de todos.* (RODRIGUES, 2018, p.23)

Esse conhecimento possibilita traçar ações adequadas ao potencial de aprendizagem de cada um. As clínicas psicopedagógicas recebem muitas crianças e adolescentes com questões cognitivas sérias, muitas vezes devido a uma Educação Infantil ineficaz, por desconsiderar que é através do brincar, que as habilidades do período pré-escolar devem ser desenvolvidas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi iniciada, agendando uma conversa com as professoras da escola onde as crianças estão matriculadas, com a intenção de conhecer os sujeitos envolvidos na pesquisa fora do contexto da OSC e por outros olhares, o que infelizmente não aconteceu, devido à dificuldade que as professoras sentiram em conciliar a agenda. Foram sugeridas algumas opções, mas sem sucesso.

Após o fracasso da conversa com as professoras e com a necessidade em obter um segundo olhar dessas crianças, a opção foi uma conversa informal com alguns trabalhadores da OSC, que prontamente se disponibilizaram, por

conhecerem bem as crianças. Essa conversa aconteceu nas dependências da OSC com quatro educadores sociais que trabalham com as crianças envolvidas na pesquisa, desde o ano de 2018.

Com esse encontro surgiram informações importantes a respeito do histórico familiar de cada um, assim como o desempenho e envolvimento em outras oficinas. Todas as informações adquiridas contribuíram para o planejamento e desenvolvimento das atividades.

Tudo aconteceu lentamente, uma vez que foi preciso criar condições para as crianças descobrirem que é possível aprender e conhecer brincando, pois, inúmeras vezes houve questionamentos se não iriam fazer lição, se somente iriam brincar, por considerarem jogos e brincadeiras desprovidos de aprender.

Os participantes chegaram com o pensamento de que o jogar e o brincar tem conotação de algazarra, folia, desordem. Foi preciso muita conversa para conscientizá- los de que através dos jogos e brincadeiras pode haver aprendizado, contanto que as regras, os limites e o respeito com o outro sejam cumpridos. Somente depois disso é que o trabalho teve início.

Dando continuidade ao trabalho, houve conversa individual com cada uma das oito crianças, com a intenção de conhecê-las melhor.

Foi perguntado se gostam de frequentar a OSC, a escola, o que gostam de fazer, o que gostam de brincar, o que não gostam de brincar e porquê, se gostam de estudar, se têm facilidade em fazer amizades, sua vida familiar e quais as dificuldades que sentem na escola.

Para que as demandas trazidas pelo grupo pudessem ser atendidas, o objetivo deste trabalho foi pesquisar ações onde as funções executivas, pudessem ser devidamente trabalhadas e desse modo colaborar para o desenvolvimento dos sujeitos.

À vista disso, as modalidades dos jogos oferecidos aos alunos foram especificamente escolhidos a fim de promover o desenvolvimento das habilidades de coordenação motora ampla; atenção/concentração; percepção; orientação espacial; memória de trabalho; flexibilidade cognitiva, linguagem, controle inibitório e planejamento.

A metodologia do trabalho deu-se de duas formas:

- As oito crianças juntas;

- Dois grupos de quatro crianças denominados de grupo A e B e a cada encontro os atendimentos eram alternados.

Os encontros foram estruturados no seguinte formato:

- Atividades de atenção e concentração, envolvendo as oito crianças.
- Atividades de jogos e brincadeiras com os grupos A e B separados.
- Registro do dia, através de desenhos e ou roda de conversa.

As atividades lúdicas foram divididas em quatro grupos, que primaram pelo desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, sensorial e autônomo das crianças.

Foram divididos da seguinte maneira: jogos de interação, jogos individuais, brincadeiras e atividades de atenção e concentração, como demostram as tabelas abaixo:

Quadro 1 – Jogos de Interação

Atividade	Tarefa	Habilidades	Material
Jogo do Mico	Terminar com as cartas da mão fazendo o maior número de pares possível	Atenção; concentração; flexibilidade cognitiva	Baralho de cartas com figuras
Jogo das Aranhas	Eliminar as aranhas de seu tabuleiro	Atenção; memória; Interpretação; coordenação visomotora	Tabuleiro/ dado e aranhas de plástico (desenvolvido pelas pesquisadoras)
Jogo da Velha (adaptado)	Buscar o alinhamento de 3 peças na vertical ou horizontal	Planejamento, flexibilidade, meta; coordenação visomotora, atenção	1 Tabuleiro de madeira; 10 círculos com figuras ou cores (desenvolvido pelas pesquisadoras)
Jogo da cobra	Ser o primeiro jogador a atingir o fim, movendo-se pelo tabuleiro desde a base até o topo.	Atenção, memória de trabalho; Interpretação; flexibilidade cognitiva, orientação espacial	Tabuleiro com cobras e escadas, dado e um pino por jogador
Jogo Lig 4, adaptado	Formar 4 peças da mesma cor na horizontal e na vertical	Atenção; orientação espacial, planejamento; coordenação motora fina, percepção, memória de trabalho e flexibilidade	1Tabuleiro e 42 fichas sendo 21 azuis e 21 amarelas
Jogo de Memória	Memorizar imagens para formar pares, e vence quem formar mais pares.	Coordenação motora, memória de trabalho; raciocínio; percepção; flexibilidade, orientação espacial	Fichas com figuras formando seus pares
Lince	Encontrar uma determinada figura em um grande tabuleiro, vence quem encontrar a imagem primeiro	Percepção, Flexibilidade, memoria visual, atenção, coordenação motora	1 tabuleiro com todas as figuras do jogo, imagens, cartas com figuras

Tapa Certo	Conseguir ser o primeiro a fixar em sua vareta a figura da vez.	Coordenação motora, flexibilidade cognitiva, memória visual, atenção e percepção	Cartas com figuras, fichas com as mesmas figuras, vareta de mãozinha com ventosa.

Tabela construída pelas pesquisadoras a partir da vivência enquanto educadoras com jogos brincadeiras.

Quadro 2 – Jogos individuais

Atividade	Tarefa	Habilidades	Material
Tangran	Construir a figura sugerida na carta apresentada	Atenção, raciocínio lógico, controle inibitório, flexibilidade cognitiva, criatividade	Quebra cabeça formado por 7 peças sendo 5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo.
Sudoku (adaptado)	Quebra cabeça numérico, baseado na colocação lógica de números ou figuras	Raciocínio lógico matemático, atenção, percepção, concentração e observação	Tabuleiros com 3 x 3 e 4 x 4 onde serão colocadas as fichas para formar as Sequencias
Faça a Face	Montar a face do seu personagem escolhido de acordo com suas características	Atenção, concentração, flexibilidade cognitiva, percepção, coordenação visomotora	20 cartas, 20 faces (com 3 peças cada)
Quebra cabeça	Unir peças adequadamente para compor uma figura	Concentração, atenção, percepção visual, orientação espacial.	Peças em madeira ou papelão que unidas formam uma figura
Tabuleiro das cores	Encontrar os pares de uma sequência de cores	Atenção, concentração, raciocínio lógico matemático	Tabuleiro contendo desenho de uma sequência de cores, cotonetes com pontas coloridas.

Tabela construída pelas pesquisadoras a partir da vivência enquanto educadoras com jogos e brincadeiras.

Quadro 3 – Brinquedos e Brincadeiras

Atividade	Tarefa	Habilidades	Material
Amarelinha	Em um diagrama riscado chão lançar a pedrinha no número correspondente e percorrer o trajeto seguindo algumas regras Estabelecidas	Coordenação motora ampla, orientação espacial e percepção visomotora	Tapete com desenho de um diagrama, pedrinhas.
Bambolê	Atividades diversas desenvolvidas pelas pesquisadoras	Coordenação motora, orientação espacial, esquema corporal, lateralidade e atenção	Arco de plástico coloridos
Bola no balde	O grupo terá que transportar bolinhas de um balde a outro equilibrando-as no jornal, vence o grupo que transportar todas as bolinhas primeiro	Coordenação motora, socialização, trabalho em grupo, flexibilidade cognitiva, controle inibitório	20 Bolinhas plásticas, 2 balde e folhas de jornal.
Pega pino	Movimentar-se conforme comando da pesquisadora.	Atenção concentração, coordenação motora, controle inibitório, flexibilidade cognitiva e esquema corporal	4 pinos de boliche

Tabela construída pelas pesquisadoras a partir da vivência enquanto educadoras com jogos e brincadeiras.

Quadro 4 – Atividades Recreativas de atenção e concentração

Atividade	Tarefa	Habilidades	Material
Chamada das cores com fichas / e cores sem fichas	Em roda cada criança escolhe uma ficha colorida, ao ouvir o nome de sua cor levanta sua ficha e chama outra, assim sucessivamente.	Atenção, concentração, percepção, memória de trabalho, controle inibitório.	Fichas coloridas,
Chamada de número	Em roda cada criança sorteio seu número e ao ouvi-lo responde chamando um próximo número e assim sucessivamente.	Atenção, concentração, percepção, memória de trabalho, controle inibitório.	Fichas com números
Observações de objetos	Em uma mesa observar os objetos nela inseridos	Atenção, concentração, controle inibitório, memória de trabalho	Mesa com vários objetos
Bate copo	Em dupla ao comando do líder executar as ações pedidas.	Atenção, concentração, coordenação motora, percepção.	Copos de plástico
Escravos de Jó	Em círculo e com um objeto nas mãos aos comandos da música realizar as ações.	Atenção, concentração, coordenação motora, percepção	Tampinhas de leite
Telefone sem fio	Em grupo o líder fala uma palavra no ouvido de uma criança que terá que repeti-la no ouvido de seu vizinho e assim sucessivamente. A última criança deverá dizer a palavra em voz alta.	Atenção, percepção auditiva, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.	Nada
Passe a Bola	Em círculo a bola vai passando de mão em mão e ao sinal do líder a bola muda de direção	Atenção, coordenação motora, lateralidade, percepção auditiva	1 bola

Tabela construída pelas pesquisadoras a partir da vivência enquanto educadoras com jogos e brincadeiras.

Os jogos foram divididos da seguinte forma:

- Momento 1: Familiarização com o material do jogo
- Momento 2: Reconhecimento das regras
- Momento 3: Jogar para garantir as regras
- Momento 4: Intervenção pedagógica verbal
- Momento 5: Registro do jogo

No primeiro momento os aprendentes entraram em contato com o material do jogo, identificando os materiais conhecidos, tais como: dados, peões,

tabuleiros e outros, e manipularam os materiais.

O segundo momento, aconteceu da seguinte forma: foi perguntado às crianças se reconheciam o jogo e as regras. Em alguns jogos as pesquisadoras explicaram as regras, em outros, quando foi necessária alguma adaptação, as regras foram construídas em conjunto com as crianças. Procedeu-se então a realização de várias partidas para familiarizarem-se com as regras do jogo em questão.

O próximo momento realizado foi o jogo pelo jogo, do atuar espontâneo, em que se possibilita ao aprendente jogar para garantir a compreensão das regras.

A fase seguinte, da intervenção pedagógica verbal caracterizou-se pelos questionamentos e observações realizadas pelo educador a fim de provocar os alunos para a realização das análises de suas jogadas (previsão de jogo, análise de possíveis jogadas a serem realizadas, constatação de jogadas erradas realizadas anteriormente, comparações de pontos, etc.). A atenção neste momento, esteve voltada para as estratégias criados pelos alunos na resolução dos problemas.

A última etapa foi um momento rico onde o registro dos pontos, ou mesmo dos procedimentos, pode ser considerado uma forma de fixar e efetivar a compreensão da atividade, por meio de uma linguagem própria. Para as pesquisadoras, o registro foi um instrumento valioso, uma vez que permitiu analisarmos o alcance do objetivo proposto neste jogo / brincadeira.

No decorrer das atividades constatamos a mudança de atitudes das crianças em relação ao jogo e ao brincar.

As posturas diante das regras, limites e situações problemas trazidos pelo jogo, estão melhor gerenciadas, embora ainda haja conflitos entre pares, perfeitamente admissível.

As crianças estavam mais motivadas pelos encontros, curiosas em saber o que foi preparado para o dia, solicitando a repetição de determinados jogos ou brincadeiras que mais atraíram a atenção delas.

Para cada grupo de atividades, houve uma ou duas que mais chamaram a atenção dos aprendentes. Nos Jogos de Interação foram os jogos das Aranhas e o Tapa Certo; nos jogos Individuais, Sudoku e o Faça a Face; Amarelinha e Pega Pino foram os escolhidos nos Brinquedos e Brincadeiras e Bate Copo e

Passa a Bola foram os eleitos das Atividades recreativas de atenção e concentração.

Análise dos Resutados

Com o desenvolvimento da pesquisa ficou claro que os jogos possibilitam muito mais do que a aprendizagem dos conteúdos práticos. Percebeu-se que é benéfico focar no desenvolvimento cognitivo, trabalhando através das atividades lúdicas, as funções executivas.

A pesquisa ainda apresenta resultados pouco significativos, pelo fato de o projeto estar em andamento, visto que, mudar a rotina das crianças, despertar o interesse e envolvê-las em atividades lúdicas, exigiu um tempo considerável na estruturação e implementação. No entanto algumas evoluções já puderam ser percebidas em algumas das crianças envolvidas: aceitação de regras, respeitar os colegas, atenção ao jogar e saber perder.

Conclusão

A atividade lúdica como instrumento de desenvolvimento das funções executivas pode acontecer em qualquer espaço educativo, seja ele formal, informal ou não formal.

Por meio dos estudos, compreendemos que na educação formal, o brincar geralmente preenche um tempo ocioso, na informal é realizado livremente e principalmente pelo prazer, na educação não formal, espaço da pesquisa, é um momento propício para pensar a criança integralmente, valorizando sua cultura e seu conhecimento.

Os jogos e o brincar planejados com intencionalidade, confirmaram, até aqui, serem realmente ferramentas importantes como recurso facilitador no processo da aprendizagem, desenvolvimento intelectual e social da criança.

O lúdico desempenhou seu papel com sucesso, ao atrair o interesse das crianças por realizar atividades dinâmicas, desafiadoras, motivadoras, instigando a imaginação, mantendo por muito tempo a atenção e a interação dos participantes.

Decidiu-se por um trabalho de intervenção psicopedagógica em grupo, por ser este, um fator preponderante na integração social, trocas de experiências e vivências dos sujeitos. Deste modo o educador deixou de ser a principal fonte

do saber e assumiu o papel de mediador das atividades anteriormente por ele planejadas.

A principal vantagem da concepção de promover grupos mesclados, onde os que sabem mais interajam com aqueles que sabem menos, é que todos saem ganhando. Os alunos menos experientes se sentiram desafiados pelos que sabiam mais e, com a assistência deles, foram capazes de realizar tarefas que não conseguiriam sozinhos. Em contrapartida, os mais experientes ganharam discernimento e aperfeiçoaram suas habilidades ao ajudar os colegas, e isso vimos claramente acontecer nos encontros durante a prática da pesquisa.

Desenvolver a atividade lúdica com o educador mediando e participando não é tarefa fácil. O grupo pequeno é ideal, pois não se perde a valorização da escuta e da fala, do diálogo entre seus pares e da construção das relações afetivas. No grupo grande, os educadores devem se dedicar a exercitar um olhar ainda mais atento sobre o que acontece.

O jogo pode ser trabalhado principalmente para possibilitar a participação de todos e ainda oferece a oportunidade de a criança falar, de expressar o seu estado emocional, de se colocar sem ser desmoralizada.

É fundamental considerar que desenvolvimento e aprendizagem não estão nos jogos em si, mas no que é desencadeado a partir das intervenções e dos desafios propostos.

Os educadores devem estar atentos e conscientes de seu papel de mediador e não de condutor durante as atividades, sendo essencial refletir continuamente sobre a prática do trabalho lúdico dentro da educação não formal. Em alguns momentos, as pesquisadoras se flagraram, quase que a reproduzir o modelo formal de educação, criando uma relação de imposição e de regras pré-estabelecidas por elas e não em conjunto com as crianças.

Mudar a rotina das crianças, despertar o interesse e envolvê-las em atividades lúdicas, favoreceu o alcance de resultados satisfatórios no desenvolvimento das habilidades do planejamento, controle inibitório, flexibilidade e memória de trabalho de alguns participantes do projeto. Mostrou-se, ainda, como fator para o desenvolvimento da oralidade e o aprendizado da argumentação para resolver situações-problema que ocorreram durante as atividades.

Todas estas habilidades desenvolvidas, que também foram observadas

pela equipe da OSC, oferecem suporte para que a criança crie seus próprios meios de minimizar suas dificuldades em relação ao ensino formal.

O sucesso nos resultados não foi possível com todos os integrantes do grupo, em razão de duas crianças, serem portadoras, um de Deficiência Intelectual e outro de Transtorno Emocional.

Para o trabalho psicopedagógico, foi possível constatar que em questões envolvendo ensino-aprendizagem, a opção de trabalhar em grupo nem sempre é considerado viável, pois determinados transtornos necessitam de atendimentos individualizados. Nesta pesquisa empírica, a função do psicopedagogo abrangeu um caráter mais preventivo do que curativo.

Analisando e refletindo constantemente sobre a importância de as crianças terem oportunidades de brincar, em grupos, sozinhas, livremente ou mediadas, de se sentirem desafiadas, ficou claro que uma nova proposta pode ser acrescentada a esta pesquisa: a de que as crianças possam construir seus próprios jogos, aumentando a criatividade e a autoestima.

É difícil modificar o todo, porém há muito o que fazer em cada parte: o desafio é agir com criatividade e comprometimento, deixando de lado a fala queixosa e a atitude inerte, descobrindo modos mais interessantes de enfrentar e superar a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, N. A. **Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 2000.

DIAS, N. M.: SEABRA, A. G. **Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções executiva: Piafex**. São Paulo, SP: Memnon, 2013.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada:** Artmed, Porto Alegre RS, 1991

GADOTTI, M. **Boniteza de um Sonho: ensinar e aprender com sentido:** Feevale, Novo Hamburgo, 2003

GARCÍA SÁNCHEZ, J. N. **Dificuldades de aprendizagem e Intervenção psicopedagógica.** Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

GARCIA, V. A. **Educação não formal do histórico ao trabalho local.** In: PARK; FERNANDES; CARNICEL (Org.). Palavras- chave em Educação não-formal. Holambra: Setembro; Campinas/CMU, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

NCPI **Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia**, Primeira Ed. SP- Fundação Maria Cecília Souto Vidigal / FMCSV, 2016

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, W. F. **Educação social de rua: bases históricas, políticas e pedagógicas.** Rio de Janeiro: História, ciências, saúde, 2007.

PINHEIRO, M. **Fundamentos da Neuropsicologia: O Desenvolvimento Cerebral da Criança.** Trindade, GO: O autor, 2007. Disponível em https://arquivos.info.ufrn.br>arquivos>desenvolvimentos_cerebral> acessado em 10/07/2019.

POZAS, D. **Criança que brinca mais aprende mais.** Rio de Janeiro, RJ: SENAC Rio, 2011.

RODRIGUES, P. M. **Funções Executivas e Aprendizagem: o uso dos jogos no desenvolvimento das funções executivas** *2.0*. 2. ed. Salvador: 2B, 2018.

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESCO, R. S. (Org). **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** In CYPEL, R. Funções Executivas: Seu Processo de Estruturação e a Participação no Processo de Aprendizagem. 2. Ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. S. V.; CÂNDIDO, P. T. **Matemática de 0 a 6: Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOLÉ, I. G. **Orientação Educacional e Intervenção Psicopedagógica.** Rio de Janeiro, RJ: Artmed, 2001.

TRILLA, J. *A* **pedagogia da felicidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e O criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação***.* Londrina: O autor,2005.Disponívelem: https://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm. Acessado em: 10/05/2019.

SOBRE OS AUTORES:

Márcia Virgínia de Paula Rodrigues Pedagoga pela faculdade Anhanguera / Campinas, Psicopedagoga pela faculdade IESCAMP Instituto de Educação e Ensino Superior de Campinas, Educadora Social / OSC Resgatando Valores /Campinas
marcinhafo@gmail.com

Sônia Jeanne Antonioli Boscolo
Magistério com especialização na Pré-Escola, Licenciatura em Educação Física pela PUC Campinas; Pedagoga pela PUC Campinas; Psicopedagoga pela IESCAMP Campinas; Educadora Social na OSC Resgatando Valores - Campinas
soniajeanne66@gmail.com

Maria Dorothea Chagas Correa
Pedagoga, psicopedagoga, mestre em educação pela UNISAL/ Americana, doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP / Araraquara. Professora de pós graduação na Faculdade Iescamp/Campinas e Unimax/ Indaiatuba.
dorothea.chagas@gmail.com